



Volume 15, número 1, ano, 2019.

A LÍNGUA DE MH E AS RELAÇÕES INTERATIVAS DE ACORDO COM A ECOLOGIA DA INTERAÇÃO COMUNICATIVA

Cleber Cezar da Silva ¹

Resumo. Esta pesquisa tem como objetivo analisar a interação comunicativa de MH, uma ouvinte, que por problemas de saúde faz uso de uma língua mista, fundamental para educação, pois é através da linguagem que o indivíduo se relaciona como mundo e interioriza o mundo. O recorte teórico que dá sustento a nossa pesquisa é a Ecolinguística, mais precisamente a Ecologia da Interação Comunicativa. No decorrer fazemos uma breve discussão de língua de acordo com a visão da Ecolinguística. O método da pesquisa é um estudo de caso, numa abordagem qualitativa a vista da análise linguística. Por fim, observamos que MH, faz uso de uma língua mista (oralizada e gestual), que faz referência com o ambiente em que a mesma está inserida, desta forma, ela cumpre com algumas regras interacionais e estabelece relações com uso das regras sistêmicas. Desta forma, é perceptível o processo de interação entre membros usuários de uma língua mista e os da língua convencional da sociedade/comunidade que ambos estão inseridos.

Palavras-chave: Ecologia da Interação Comunicativa. Análise Interativa. Língua de MH.

LA LENGUA DE MH Y LAS RELACIONES INTERACTIVAS DE ACUERDO CON LA ECOLOGÍA DE LA INTERACCIÓN COMUNICATIVA

Resumen. Esta investigación tiene como objetivo analizar la interacción comunicativa de MH, una oyente, que por problemas de salud hace uso de una lengua mixta, fundamental para la educación, pues es a través del lenguaje que el individuo se relaciona como mundo e interioriza el mundo. El recorte teórico que da sustento a nuestra investigación es la Ecolinguística, más precisamente la Ecología de la Interacción Comunicativa. En el transcurso hacemos una breve discusión de lengua de acuerdo con la visión de la Ecolinguística. El método se busca es un estudio de caso, en un enfoque cualitativo a la vista del análisis lingüístico. Por último, observamos que MH, hace uso de una lengua mixta (oralizada y gestual), que hace referencia con el ambiente en que la misma está insertada, de esta forma, ella cumple con algunas reglas interactivas y establece relaciones con el uso de las reglas sistêmicas. De esta forma, es perceptible el proceso de interacción entre miembros usuarios de una lengua mixta y los de la lengua convencional de la sociedad/comunidad que ambos están insertados.

Palabras clave: Ecología de la Interacción Comunicativa. Análisis Interactivo. Lengua de MH.

¹ Doutorando em Linguística, UNB (2017), Mestre em Estudos da Linguagem, UFG/Regional Catalão (2017), possui graduação em Letras (Português/ Inglês) UEG (2003) e Letras (Português/Espanhol) UNIP (2014). Especialização em Psicopedagogia (2005) - UEG - Unu de Pires do Rio - Goiás, Especialização em Linguística Aplicada: Ensino-Aprendizagem em Línguas Estrangeiras (2010) - Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professor no Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí. Com experiência em Ensino Superior junto a Universidade Estadual de Goiás, Pós-graduação nível especialização junto a Faculdade Noroeste - FAN, e na educação básica e função de Gestor Educacional junto a SEDUCE/GO. Atuando na área de Letras e Linguística, com ênfase em Línguas e Literaturas, com os seguintes temas: variedade, domínio, educação, inclusão, ensino de LE e prática pedagógica, léxico e toponímia.



Volume 15, número 1, ano, 2019.

1 INTRODUÇÃO

A língua é comunicação, cultura, sobretudo, educação e, é com essa premissa da Ecolinguística que tomamos como ponto de partida para justificar a nossa pesquisa. Pois, de acordo com os estudos que envolvem a língua e o meio ambiente em que a população está inserida, e que faz uso para proceder com a interação. Quando o estilo de qualquer língua não é entendido em sua dimensão histórica e individual ela perde sua conotação educativa, ou seja, deixa de ser formativa.

Uma língua deve ser compreendida segundo o caráter histórico-individual. Se este caráter não é levado em conta, não se pode conhecer especificidade de cada língua e a forma como a diversidade da língua garante a variedade das culturas e dos indivíduos. Essa diversidade constitui uma das pré-condições da diferença entre os indivíduos, entre os processos educacionais específico de cada um (WULF, 2005, p. 60).

A linguagem humana é, sobretudo, interação e não pode, pois, ser explicada apenas em termos de sua estrutura semântica e formal, mas, também se deve analisá-la em sua função social e educativa. Desta forma, o desenvolvimento linguístico e intelectual do indivíduo caminham juntos, pois ambos são a base da abstração e categorização, pois “toda língua reflete as condições da sociedade e do círculo cultural que se fala” (ANDRADE, 2010, p. 99).

De acordo com Couto (2007) em todo ecossistema, o que prevalece são as inter-relações. E, no ecossistema da Ecologia Integral da Língua, chamado também de Comunidade, a interação mais comum é construída pelos atos de interação comunicativa, que formam a subecologia intitulada de Ecologia da Interação Comunicativa (EIC). Nesta perspectiva é que se insere esta pesquisa.

E, é no ato da interação comunicativa, que a língua se manifesta, nesse processo se constata a interação do indivíduo com os outros, isso se dá em um ambiente, desta forma, se estabelece as relações entre L(íngua) – P(opulação) – T(erritório). E, ao fazer essa relação observamos que o meio ambiente da língua é de natureza tríplice: natural, mental e social. E, com isso, para uma interação efetiva e que estabeleça uma boa comunicação é necessário buscar na EIC e no fluxo interlocucional, as regras interacionais e as sistêmicas.



Volume 15, número 1, ano, 2019.

A partir desta pesquisa, centrada nas bases teóricas da Ecolinguística, mais precisamente na Ecologia da Interação Comunicativa estabelecemos que no processo de interação comunicativa entre os indivíduos em um princípio educativo é perceptível que as relações interações são efetivadas entre os usuários de uma língua mista (oralizada e gestual) com os da língua convencional da sociedade/comunidade.

2 A ECOLOGIA DA INTERAÇÃO COMUNICATIVA, PRINCÍPIO DA ECOLOGIA LINGUÍSTICA

A Ecologia Linguística/Ecolinguística é uma disciplina relativamente nova, que vem sendo explorada por alguns estudiosos brasileiros e ganhando espaço com pesquisas em nível nacional e internacional, e, tem como princípio estudar as relações de língua e meio ambiente. De acordo com Couto (2014), foi nos anos noventa que iniciou o que hoje se chama de Ecolinguística. Com base na Ecologia Biológica, tendo como conceito central no ecossistema, que consta de uma população de organismos e suas inter-relações com o meio ambiente o qual estão inseridos, o importante para a Ecologia são as inter-relações, tanto entre os membros da população, quanto entre eles e o meio. Desta premissa, entendemos os conceitos basilares da Ecolinguística, “o primeiro tipo de inter-relação corresponde à interação linguística ou comunicação, enquanto que o segundo equivale à referência” (COUTO, 2014, p. 46).

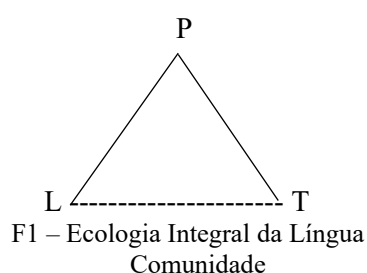
E, buscamos em Couto (2014, p. 46), informações precisas acerca da Ecolinguística e seus conceitos,

A primeira pergunta que devemos fazer é sobre quais são os equivalentes linguísticos dos quatro conceitos ecológicos, além dos dois já vistos. Melhor dizendo, quais são os conceitos centrais da Ecologia Linguística, ou Ecolinguística. Vejamos a opinião do leigo. Sempre que ele se defronta com o nome de uma língua de que nunca ouvira falar, a primeira pergunta que faz é que povo a usa. Diante da resposta, ele pode querer saber onde (território) esse povo se encontra. Ora, o povo (P) é igual à população biológica, enquanto que o habitat se equipara ao seu território (T). Quanto à língua (L) é equiparável às inter-relações, uma vez que, para o interacionismo, ela é constituída basicamente inter-relações, por interações. O todo formado pelo povo, vivendo em seu território e usando a própria variedade linguística é o ecossistema linguístico, às vezes também conhecido como comunidade (comunidade de língua e comunidade de fala). Ele é o ecossistema fundamental da língua, também chamado de ecossistema fundacional da língua.



Volume 15, número 1, ano, 2019.

Assim, usamos a imagem F1 (abaixo), como forma de representação, para justificar a resposta do leigo na cita anterior. E, desta forma observamos que na triangulação, a população está intermediando as relações entre língua e território, posto isso, não é prudente dissociá-los, pois juntos formam o que aqui denominamos de ecossistema linguístico, ou comunidade.



De acordo com o Ecossistema Integral da Língua, a língua está contida nos três meio ambiente: i) meio ambiente natural; ii) meio ambiente mental e iii) meio ambiente social. Os aspectos exoecológicos (externos a língua) e endoecológicos (internos a língua) são necessários para a Ecolinguística e seus desdobramentos, enquanto disciplina e constituinte da interação, pois só ocorre no processo de $L \rightarrow P \rightarrow T$. Dessarte a isso, constatamos que:

O verdadeiro meio ambiente da língua é a sociedade que a usa como um de seus códigos. A língua existe somente nas mentes de seus usuários, e só funciona relacionando esses usuários uns aos outros e à natureza, isto é, seu meio ambiente social e natural. (...) A ecologia da linguagem é determinada primordialmente pelo povo que a aprende, usa e transmite a outros (HAUGEN, 2016, p.58).

Assim, o ecossistema da língua, se dá em: i) natural, a língua do ponto de vista natural (articulatório, biológico, proxémico, cinésico, paralinguístico) da comunicação, o meio ambiente é o lugar de interação da língua P_1, T_1 ; ii) mental, a língua é do ponto de vista mental (mente, cérebro), o meio ambiente mental da língua: P_2, T_2 ; iii) social, a língua é do ponto de vista social (como fenômeno social), o meio ambiente social da língua: P_3, T_3 . A partir das relações que integram os ecossistemas da língua: natural, mental e social, surge o Ecossistema Integral da Língua (Comunidade), onde observa-se as comunidades de Língua e de Fala.



Volume 15, número 1, ano, 2019.

É no Ecosistema Integral da Língua, que nasce a Ecologia da Interação Comunicativa (EIC), um dos componentes mais importantes da linguística ecossistêmica. Visto que há a necessidade dos membros de uma dada comunidade se interagirem. Contudo,

Na Ecolinguística, como vimos, o *hablar* de Coseriu é chamado de atos de interação comunicativa, que fazem parte de um todo denominado ecologia da interação comunicativa. Esta vai muito além do modelo fechado do circuito da fala de Saussure e dos engenheiros da comunicação. Ela inclui não só falante, ouvinte e mensagem, mas também todo o contexto em que a interação entre os dois primeiros se dá (COUTO, 2014, p. 47).

No contexto da Ecolinguística, a interação comunicativa se dá em uma alternância entre a solicitação de um membro (p_1) da população e do atendimento por outro (p_2), isso ocorre no fluxo interlocucional (diálogo). E, para que a interação comunicativa seja positiva/efetiva, é necessário que F (falante) e O (ouvinte) entrem em comunhão, estejam em sintonia e sejam capazes de abrir, manter e fechar o canal de comunicação (COUTO; COUTO; BORGES, 2015).

E, é no processo da interação comunicativa, que a partir de EU, TU, ELE (1 e 2), que todas as pessoas do discurso (pronomes) emergiram. Assim, estabelecendo essas relações é que se explica a origem da língua na EIC, e, ao relacionar isso, surge a necessidade de P em se situar em T e fazer referência ao que está a sua volta, ou, ao que tenha a necessidade de fazer qualquer relação, desta forma, explica o surgimento, do vocabulário na EIC, que são os dêiticos, demais pronomes, nomes e outros.

Em sequência, na convivência tem-se a multiplicação dos atos interacionais, que aumentam também as próprias necessidades comunicativas. Desta forma, é perceptível que muitos itens lexicais emergem da EIC, praticamente, como tudo na língua emerge do meio ambiente, via EIC.

É na base da interação, que surgem as necessidades da comunicação entre os membros da comunidade, desse modo:

A interação comunicativa parte do primeiro tipo de interação, motivo pelo qual sua denominação mais comum é **comunicação**. Mas, como comunicação sobre alguma coisa, que é a **referência** (interação indivíduo-mundo), esse segundo tipo de interação também faz parte da comunicação. A interação comunicativa, por seu



Volume 15, número 1, ano, 2019.

turno, pressupõe (a) um **falante**, (b) um **ouvinte**, (c) um **assunto** de que falam, um conjunto de hábitos interacionais que chamamos de **regras** (interações e sistêmicas) e (d) um **cenário** em que a interação se dá. Isso constitui a **ecologia da interação comunicativa** (COUTO; COUTO; BORGES, 2015, p. 109. Grifos dos autores).

Como já mencionado, muitos são os itens lexicais que emergem da EIC e vão surgindo à medida que a interação entre F e O o requeira, isso significa que os aspectos e fenômenos do meio ambiente recebem nome quando necessário para orientar a interação entre os membros da comunidade. Com a necessidade de se comunicar vão surgindo o nome das coisas que substitui os pronomes, e com a ação surge os verbos, as demais categorias surgem mais tarde na língua: adjetivos, advérbios, preposições e conjunções. Contudo, vale ressaltar que:

O falante é um indivíduo qualquer ou pessoa (p1) da população (P), enquanto que o ouvinte é outro indivíduo qualquer ou pessoa (p2) de P. o início da interlocução se dá quando p1, como falante (F), faz uma solicitação a p2, que, nesse momento é ouvinte (O), e, em geral, dá uma satisfação ou **atendimento** a essa solicitação (COUTO; COUTO; BORGES, 2015, p.110. Grifo dos autores.)

Na continuidade da convivência e a multiplicação dos atos de interação comunicativa, surgem também a necessidade de raciocínio, de combinação de pensamentos. É nesse momento que começa a surgir a sintaxe. O importante a reter é que a sintaxe emerge por motivos de clareza na comunicação, ela é que estabelece a relação das palavras. Conseqüentemente, a sintaxe existe para o entendimento e eficácia da interação comunicativa.

De acordo com o exposto, surge a necessidade de observar as regras que estabelecem a normatização e entendimento de F e O no fluxo interlocucional, pois a necessidade de um membro compreender o que o outro fala está presente nesse fluxo por vias dos atos interacionais, então, na sequência expomos as regras interacionais e sistemas, que são essenciais para a interação dos indivíduos, sejam usuários de uma língua mista ou convencional.

2.1 As regras interacionais e regras sistêmicas



Volume 15, número 1, ano, 2019.

O fluxo interlocucional (diálogo) da Ecologia da Interação Comunicativa depende das regras interacionais e sistêmicas, bem como dos aspectos da paralinguagem, que se interseccionam com as regras interacionais.

As regras interacionais não podem ser infringidas, pois se isso ocorrer não irá acontecer o processo de comunicação e interação entre falante e ouvinte, pois ocorre consequências negativas e até mesmo sanções sociais a quem comete. As regras interacionais vão desde a relações de posicionamento no ato de fala, tomada de turno, o tom de voz até o processo de entendimento do enunciado. Por fim, na regra 15 se constitui as Regras Sistêmicas, e, nela que é observada a gramática da língua, essa regra pode e é infringida constantemente. Nesse contexto, cabe mencionar que para a Ecolinguística, errado é o que causa sofrimento a alguém.

De acordo com Couto; Couto; Borges (2015, p. 118)

A língua como sistema (gramática) é apenas mais um dos componentes da interação comunicativa, e não o mais importante. Antes das regras sistêmicas é necessário haver dois interlocutores, um o cenário (contexto) e regras interacionais. As regras sistêmicas não são mais do que uma parte dos hábitos interacionais. Aquilo que chamamos até certo ponto inadequadamente de “língua”, na verdade compreende (a) cenário, (b) interlocutores (F, O), (c) hábitos interacionais, no interior dos quais é necessário destacar as (c’) regras sistêmicas. A esmagadora maioria das demais teorias linguísticas chamam apenas (c’).

No quadro que segue trazemos as regras interacionais e sistêmicas, de acordo com os estudos realizados no âmbito da Ecolinguística, as quais são fundantes na análise dos dados desta pesquisa.

Tabela 1 – Regras Interacionais e Sistêmicas.

Regras Interacionais (RI) e Regras Sistêmicas (RS)	
01	F e O ficam próximos um do outro; a distância varia de uma cultura para outra ou conforme as circunstâncias.
02	F e O ficam de frente um para o outro.
03	F e O devem olhar para o rosto um do outro, se possível para os olhos.
04	F deve falar em um tom de voz mediano: alto demais será agressivo; baixo demais, inaudível.
05	A uma solicitação deve corresponder com uma satisfação.
06	Tanto solicitação quanto satisfação devem ser formuladas em um tom cooperativo, harmonioso, solidário, com delicadeza.



Volume 15, número 1, ano, 2019.

07	A solicitação deve ser precedida de algum tipo de pré-solicitação (<i>por favor, oi</i> etc.).
08	A tomada de turno: enquanto um fala, o outro ouve.
09	Se o assunto da interação for sério, F e O devem aparentar um ar de seriedade, sem ser sisudo, carrancudo; se for leve, um ar de leveza, com expressão facial de simpatia (leve sorriso, se possível); a inversão dessas aparências pode parecer antipática, não receptiva etc.
10	F e O devem manter-se atentos, “ligados” durante a interação, sem distrações, olhares para os lados.
11	Durante a interação F e O de vez em quando devem sinalizar que estão atentos, sobretudo na interação telefônica, que ainda “estão na linha”.
12	Em geral, é quem iniciou a interação que toma a iniciativa de encerrá-la; o contrário pode ser tido como não cooperativo, não harmonioso.
13	Adaptação mútua: F deve expressar-se como acha que O entenderá e O interpretará o que F disse como acha que é o que ele quis dizer.
14	O encerramento da interação comunicativa não deve ser feito bruscamente, mas com algum tipo de preparação; quem desejar encerrá-la deve sinalizar essa intenção (<i>tá bom, tá, é isso</i> etc.).
15	Regras Sistêmicas – auxiliares no processo de interação comunicativa (parte gramatical das sentenças).

Fonte: adaptado de Couto; Couto; Borges (2015).

As regras apresentadas fazem parte do processo de interação comunicativa dos interlocutores, então, elas são basilares para uma comunicação eficaz, de forma a colocar os membros de uma dada comunidade em constante comunhão. E, por fim, de acordo com Couto (2007), verifica-se que a comunicação é tipo de adaptação. O falante se adapta ao ouvinte que, por seu turno, se adapta ao falante. Ambos se adaptam ao meio ambiente e procuram adaptar o meio ambiente em si. E, nesse excerto, nos referimos da importância das regras interacionais e sistêmicas no processo de comunhão/comunicação.

3 UMA DISCUSSÃO ACERCA DE LÍNGUA NA VISÃO ECOLINGUÍSTICA

Desde os tempos iniciais a língua era pensada como interação/comunicação, isso já com os pensadores gregos (precursores da Ecolinguística). Heráclito (540 – 470) com o método dialético, via a língua como algo em eterna mudança, para a Ecolinguística seria a visão de que ela seria dinâmica e existiria na interação entre os indivíduos, assim, reside a origem da ideia ecológica. Sócrates (470 – 399), com o método maiêutica, procura a verdade



Volume 15, número 1, ano, 2019.

por meio de investigação (perguntas), que fazia o outro chegar a verdade, desta forma, a língua, também, é interação/comunicação.

Na idade moderna, Helder (1744 – 1803) associou língua e povo (L – P), a língua é uma criação humana, L – P formam uma unidade, pois L é parte da identidade de P e criada do mesmo modo e há semelhança entre as línguas do mundo. Humboldt (1767 – 1835), também, associou língua a nação. Para ele a língua era dinâmica, estava sempre evoluindo, é parte do gênero humano e cada povo tem suas especificidades, mas os povos todos do mundo são feitos no mesmo molde. Ambos estudiosos antecipam a ideia de que a língua é antes de tudo interação.

Além de conter ideias de Helder e Humboldt, a hipótese Sapir-Whorf, baseada em Edward Sapir (1884 – 1939) e Benjamin Lee Whorf (1897 – 1941), apresenta uma versão radical e outra moderada: i) a radical afirma que nossa visão de mundo é determinada pela nossa língua e só vemos no mundo aquilo que temos palavra (P – L – T); ii) a versão moderada da hipótese é aceitável pela ecolinguística, tendemos a ver aquilo para que temos nome (L – P – T).

Já na Europa, outros estudiosos antecipariam a Ecologia da Interação Comunicativa (EIC): i) Bakhtin via a língua como dinâmica, interação e sempre evoluindo, o núcleo da língua está na interação verbal; ii) para Coseriu a língua é antes de tudo “fala” e está sempre mudando, uma definição aceitável pela ecolinguística é em vez de ser “um conjunto de regras para formar frases para a comunicação” a língua é “o modo tradicional de pessoas da comunidade comunicarem entre si”; Benveniste (1995), propôs a “teoria da enunciação” que, segundo ele, é mais importante do que o “enunciado” (frase, estrutura), a teoria da enunciação antecipa a EIC da Ecolinguística.

Para tanto, Sapir (1884 – 1939), quem primeiro associou língua e meio ambiente, mas o pai da Ecolinguística é Haugen (1906 – 1994), que a define, o estudo das interações que se dão no ecossistema linguístico. Fazer essa retomada dos estudos que envolvem língua desde os pensadores gregos é elementar para concretizar os estudos ecolinguísticos, pois em suas bases a língua é interação/comunicação e suas relações estão em L – P – T, uma língua não tem como existir sem um território, e mais, a mediação entre L – T é via população, P.



Volume 15, número 1, ano, 2019.

A língua no contexto sócio-histórico-cultural nada mais é que o resultado de um processo histórico, um produto revelador da cultura de uma dada comunidade (CÂMARA JR, 1975). Em seus estudos, Paula (2007) menciona que a língua é um metassistema, ela “não é só objeto; ela é, nas relações sociais mais diversamente possíveis, também instrumento de investigação distinto que ajuda a entender os outros sistemas sociais” (PAULA, 2007, p. 90).

Posto isso, convém rever alguns conceitos que remetem à face social da língua, e de acordo com Fiorin (2013, p. 17), “a língua não é um sistema de mostraçõ de objetos, porque permite falar do que está presente e do que está ausente, do que existe e do que não existe, porque possibilita até criar novas realidades, mundos não existentes.” A língua é um produto social e por meio dela se criam e recriam realidades, podendo então se justificar as práticas sociais por meio de atos linguísticos.

Sapir (1980) ressalta a estreita ligação entre língua e território, e suas relações com a cultura, já que, para o autor:

Toda língua tem uma sede. O povo que a fala, pertence a uma raça (ou a certo número de raças), isto é, a um grupo de homens que se destaca de outros grupos por caracteres físicos. Por outro lado, a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado por práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas (SAPIR, 1980, p. 165).

O autor, ainda nos revela, que “toda língua está de tal modo construída, que diante de tudo que um falante deseje comunicar, por mais original ou bizarra que seja a sua ideia ou a sua fantasia, a língua está em condições de satisfazê-lo” (SAPIR, 1969, p. 33). É nessas condições de satisfazer ao falante ou à comunidade que ele pertence, que a língua se justifica como interação, e, mais, ela se configura no tempo e é capaz de transmitir de gerações a gerações sua cultura, através de atos linguísticos, as manifestações culturais e realidades sociais. O autor vai além, chega a comparar a língua com arte, “a língua é a arte mais ampla e maciça que se nos depara, cúmulo anônimo do trabalho inconsciente das gerações” (SAPIR, 1980, p. 172), pois ela é criação humana, nesta cita podemos perceber a presença marcante de P sobre L e T.

Segundo Sapir (1969) a linguagem possui o papel de produzir e organizar o mundo mediante o processo de simbolização. Contudo, a realidade é mostrada por meio da



Volume 15, número 1, ano, 2019.

linguagem, o que significa dizer que não há mundos iguais, visto que não há línguas iguais. De acordo com estas observações, cabe ressaltar o relativismo linguístico, “Hipótese de Sapir-Whorf”, a linguagem determina a forma de ver o mundo, e conseqüentemente, de se relacionar com esse mundo. De acordo com Couto (2007) em relação entre língua e meio ambiente mental, o que vem primeiro à tona são as relações entre língua e pensamento, desta forma a ecologia linguística aceita a tese de a teoria da relatividade linguística, que afirma que nossa língua de certa forma direciona nosso modo de ver o mundo, embora não de maneira mecânica.

Essas premissas acerca da língua, vem elucidar o que a Ecolinguística propõe, a língua é comunicação, pois é por meio dela que acontece todo o processo de interação e estão presente as regras interacionais e sistêmicas. O conceito geral de L como sendo o modo de os membros de P interagem entre si no território T em que convivem (COUTO, 2007). Nesse contexto, nos vale observar a preocupação de Garner (2004) em estudar a língua ecologicamente, acarando a língua como um elemento natural e pertencente a humanidade e intrínseco aos processos de comunicação, de comunidade, de sociabilidade e da cultura.

No âmbito da Ecolinguística, a língua é parte do ecossistema L (língua) – P (população) – T (território), e para que exista L, é necessário que pré-exista um T em que P viva e conviva. E, com a necessidade de interação entre a população é que acaba emergindo a língua. Tudo em L tem a ver com as inter-relações mantidas pela população (seus membros, inclusive seus cérebros) e com o território em que ela vive (COUTO, 2007). Assim, ratificamos que

A língua só pode ter emergido de tentativas de comunicação, vale dizer, na interação indivíduo-indivíduo. Além disso, a língua só vive nos atos de interação comunicativa. Só se pode dizer que ela está viva enquanto é usada em atos de interação concretos, logo, adaptando-se às novas necessidades comunicativas de seus usuários, e, com isso, transformando-se (COUTO; COUTO; BORGES, 2015, p.110).

As transformações ocorridas na língua só podem ser feitas, porque a população necessita disso, bem como traz consigo as necessidades de comunicação, nomeação, nesse processo, podemos mencionar a lexicalização, que é recorrente e auxilia nessas necessidades



Volume 15, número 1, ano, 2019.

de comunicação, interação e nomeação, juntamente, com a EIC, que é um dos componentes importantes da ecologia linguística. E, com vistas nisso,

Não podemos ter a pretensão de abordar a dinâmica e a evolução da língua ecologicamente sem incluir FALANTE como o fator ecológico externo mais direto, uma vez que ele/ ela provoca variação na língua emergente, sempre em evolução, além de participar de: 1) a propagação ou eliminação de variantes mediante as seleções que ele/ela fazem entre as variantes em competição (sejam elas línguas ou traços linguísticos); 2) a emergência de novas normas; e 3) às vezes a emergência de novas variedades. Os falantes agem no âmbito de estruturas populacionais específicas, as quais limitam com quem (não) podem interagir quotidianamente e quando (não) acomodar-se às práticas de outros falantes e, com isso, convergir com elas ou divergir delas (MUFWENE, 2016, p. 483).

Doravante, a evolução e variação da língua está presente no seio da comunidade, pois o membro da população que faz uso recorrente da língua, necessita de se interagir com outros membros, e muitas das vezes é necessário se adequar ao ambiente que está inserido, e se não se adequar a ele, pode haver a não comunicação ou não estar em comunhão com os outros membros. Contudo, a língua é reflexo de tudo isso, já que ela pertence aos ambientes natural, mental e social do falante/ouvinte.

4 O CONTEXTO, SUJEITO E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

A linguística tem a língua como seu principal objeto de estudo, a qual é produto da experiência acumulada historicamente na cultura de uma sociedade. A língua é ecologicamente comunicação, é produzida e determinada socialmente, por membros de uma dada comunidade que necessitam se interagirem em um ambiente, e nesse ambiente, os membros necessitam referenciar o que dele e nele existe através da educação. Ademais, é um importante símbolo da identidade de um grupo. E, é no comportamento linguístico de uma dada comunidade, que se reflete a busca de aprovação social ou a acentuação de diferenças (COSERIU, 1977). É por meio da língua, enfim, que um indivíduo adquire a cultura e a própria língua do lugar em que vive, já que

A função básica da Linguística é o estudo direto da 'língua viva e falada', por observação e análise objetiva de seus fenômenos, postas de lado todas as forças e



Volume 15, número 1, ano, 2019.

influências que se manifestem muitas vezes através dela, e todos os antecedentes que possam ter dado origem ao estado atual (MAURER JR., 1967, p. 30).

É na conjuntura de a língua ser objeto de estudo e interação/comunicação de membros de uma dada comunidade. Então, justifica tomarmos como objeto de estudo nesta pesquisa, a língua falada de MH, uma ouvinte, que faz uso de uma língua mista (oralizada e gestual), devido a um problema de saúde na infância a parte cognitiva foi afetada e não desenvolvendo a fala por completo, ela cria seus próprios sinais para se comunicar com outros membros que estão à sua volta.

O sujeito de nossa pesquisa, é do sexo feminino, tem 48 anos, mora no interior do estado de Goiás, com sua família (mãe e irmãos), ela está inserida na comunidade de fala ouvinte e seu convívio é com pessoas da comunidade a que pertence (família, vizinhança e igreja). MH não é alfabetizada, mas frequentou uma escola para pessoas com necessidades especiais, isso depois de adulta, o que então pode evidenciar o seu não êxito, já que no ambiente ocorreu a distorção idade e série escolar.

A nossa pesquisa no que tange à metodologia, vamos ao encontro do que as pesquisas ecolinguísticas tem feito e de acordo com Couto (2017) a ecometodologia pode ir nas duas direções, partindo preferencialmente da empiria e indo na direção da teoria. E assim, esta pesquisa se justifica como um estudo de caso, que é específico, e por hora particular nosso. Tomaremos uma abordagem qualitativa, apenas de análise linguística de acordo com a Ecolinguística, na subecologia da Ecologia da Interação Comunicativa, mais precisamente no fluxo interlocucional e as regras interacionais e sistêmicas.

Desta forma, vale justificar em relação a metodologia, que:

Ao se realizar uma avaliação das propostas de metodologia para a ecolinguística, a que se apresenta como mais apropriada é a multimetodologia (COUTO, 2013), também conhecida como ecometodologia, ao ser adaptada à abordagem ecológica da linguagem. Tal avaliação se justifica por diversos fatores, sendo os principais algumas falhas encontradas nas demais propostas discutidas neste trabalho (ALBUQUERQUE, 2015, p.138).

De acordo com essa alegação, as etapas da pesquisa foram divididas da seguinte forma:

i) definição do tema da pesquisa e levantamento do *corpus*, que foi realizado por meio de



Volume 15, número 1, ano, 2019.

observações e gravação do fluxo interlocucional de MH com os membros que convive; ii) levantamento do referencial teórico que dá suporte a pesquisa; iii) análise do *corpus* e escrita do texto final, com os resultados obtidos. E, por fim, esperamos que está pesquisa possa contribuir com os estudos ecolinguísticos, no que concerne à Ecologia da Interação Comunicativa, mais precisamente no fluxo interlocucional (diálogo). No decorrer procedemos com a análise dos dados.

5 A LÍNGUA DE MH E O PROCESSO DE INTERAÇÃO

A Ecologia da Interação Comunicativa, parte da interação, à qual é a base da comunicação, assim, estabelece para que ocorra o fluxo interlocucional (diálogo) é necessário de elementos básicos, como já anunciara Jakobson com a função fática (funções da linguagem/elementos da comunicação), a referência, é o processo de interação entre o indivíduo e o mundo. Nesse processo interacional, presume-se a um (F)alante e um (O)uvinte; um assunto de que falam; os hábitos, que são chamados de regras, pois estabelecem relações importantes para uma boa comunicação; e, por fim, um cenário, o qual podemos compreender como o ambiente onde se dá todo o processo de interação entre os indivíduos.

A partir disso, nesta pesquisa trazemos o recorte de um diálogo de MH, com sua mãe e avó, o qual é a nossa base de análise, que fazemos neste tópico. Para situar, o assunto que se referem é sobre uma estrutura de madeira construída para apoiar uma pedra de mármore, ou seja, a base de uma mesa. Segue abaixo o fluxo interlocucional (diálogo).

MH – Si, Si, issu qui?

Avó – Isso aí foi seu ti Pedo que fez isso e pois um pezinho embaixo.

MH – A mãe, a inha qui ó.

Mãe – Eu tava aqui fazeno a novena das mãos insanguentadas [...] eu tava aqui fazeno e minha biblinha tá rasgada.

Avó – Agora sua tia Jeroma que qui seu ti Pedo faz uma pra ela.

MH – A inha, eim?

Mãe – Fazê o que?



Volume 15, número 1, ano, 2019.

Avó – Esse trem aqui ficou bom, a pedra ficou mais firme.

Mãe – Ah, nem vi que a senhora pois issu aqui.

MH – Essi qui vó?

Avó – Issu aqui ficou em 153 reais.

Mãe – Se ele fizesse issu aqui ele ganhava dinheiro, né?

Avó – Ele disse que agora vai experimentá fazê umas cadeira.

Mãe – Essa aqui era bom fazê umas cadeira pra ela.

MH - Ou, uma raiva titiu, titiu ó.

[...]

O diálogo é constituído por três membros, mas nos interessa apenas um desses, MH, a qual iremos analisar o seu processo de interação a partir das regras interacionais e sistêmicas, que fazem parte do fluxo interlocucional, estudado na EIC. O que no decorrer nos chama atenção, é MH sempre fazer uma solicitação e esperar uma satisfação, e quando percebe que isso não irá ocorrer, ou poderá demorar, eleva o tom de voz, a princípio ela viola uma regra interacional, a de número 04 (F deve falar em um tom de voz mediano: alto demais será agressivo; baixo demais, inaudível).

Os atos de interação comunicativa, segundo Couto (2007), se dão na EIC e contam das relações entre os interlocutores que se encontram juntos em um dado contexto. Aqui, referimos, ainda, no momento em que MH faz um assalto ao turno de fala, Couto; Couto; Borges (2015, p. 112) mencionam que “assalto ao turno, quando alguém toma a palavra sem esperar sua vez, frequentemente sobrepondo-se à fala de outrem.” Neste ato, *Avó – Isso aí foi seu ti Pedro que fez isso e pois um pezinho embaixo./ MH – A mãe, a inha qui ó.* Ela faz um assalto ao turno, infringindo a regra interacional 08 (a tomada de turno: enquanto um fala, o outro ouve.).

A língua de MH é mista, como já mencionada, se constitui em oralizada e gestual, gestos criados por ela mesma, mas que fazem referência a ação que quer designar, no ato “*MH - Ou, uma raiva titiu, titiu ó.*”, ela conta que ficou com raiva do cachorro, por que o mesmo comeu a perna de sua cadeira, o *ó* designa na oração a ação do cachorro em comer a perna da cadeira e nesse instante ela faz o gesto com a mão de comer (abrindo e fechando a



Volume 15, número 1, ano, 2019.

mão). Ainda, o termo *ou* usado por ela no início da oração é para chamar a atenção de alguém, assim, a regra 10 (F e O devem manter-se atentos, “ligados” durante a interação, sem distrações, olhares para os lados.), é infringida por um dos membros que faz parte do fluxo interlocucional.

É interessante, que em outro momento MH infringe a regra interacional 13 (adaptação mútua: F deve expressar-se como acha que O entenderá e O interpretará o que F disse como acha que é o que ele quis dizer.) “*MH – A inha, eim?/ Mãe – Fazê o que?*”, neste ato a mãe não compreende o que MH quer dizer, isso devido a sua própria língua que é mista, mas a mãe é praticamente a única pessoa que a compreende totalmente, essa relação de não compreensão imediata não ocorre com frequência.

As outras regras interacionais, não são infringidas neste diálogo, já que MH se coloca sempre próxima dos outros membros que falam, está sempre atenta, se vira e olha para quem fala ou com quem quer falar. Por fim, no momento em que as regras são infringidas, MH acaba sofrendo alguma sanção social, ou deixa de ser compreendida, ou é repreendida pela mãe, no caso quando eleva o tom de voz. Isso, já é revelado pelos estudiosos da EIC, que quando as regras interacionais são infringidas o membro da população sofre alguma sanção social por cometer tal ato.

A regra 15, é a sistêmica (auxiliar no processo de interação comunicativa – parte gramatical das sentenças). E, de acordo com Couto; Couto; Borges (2015), a gramática é mais um componente da interação comunicativa, e não o mais importante. Por isso, ela pode ser infringida sem danos sociais, e, sempre acontece, como podemos observar no exemplo retirado do diálogo, “*Avó – Ele disse que agora vai **experimentá** fazê umas cadeira.*”. Ocorreu a quebra da regra, mas não comprometeu o entendimento da mensagem.

A regra sistêmica é parte dos hábitos interacionais, no entanto ela é a última regra interacional, e para sua efetivação são necessários todos os componentes que fazem parte do fluxo interlocucional: interlocutores, cenário, referente e assunto. Nessa circunstância, fazemos menção a sintaxe, que foi a última parte a surgir na EIC, pois, emerge por motivos de clareza na comunicação, ela é que estabelece a relação das palavras. De acordo com a regra sistêmica, tomamos algumas frases ditas por MH, para proceder com o a análise de uso das classes de palavras usadas por ela, mas baseado na relação da sintaxe na visão da EIC.



Volume 15, número 1, ano, 2019.

A mãe a inha qui ó!

Haim...

Essi qui vó?

Titi vó?

Ou, uma raiva titiu, titiu ó.

A inha aham.

Mãe, quele lá

A inha não vó.

A nenê lá, ó.

A essi, a oi?

A mãe não nenê, não?

Am mãe?

A inha não, nenê.

Mãe do céu qui tá ó.

A inha não, né. (Eu não, né)

Iiii a inha, tem aqui ó?

Cê, vó?

O pai do céu deitá, ó.

A oi, nenê!

Oua!

Mãe do céu!

A tiu.

Manhê, a inha mar não ó?

Os itens lexicais acabam se emergindo da EIC, com a necessidade de P se situar em T, surge a necessidade de nomear e fazer referência ao que está a sua volta, inclusive dos membros e de si mesmo. Consoante a Petter (2011, p. 11) “a linguagem é relativamente autônoma; como expressão de emoções, ideias, propósitos, no entanto, ela é orientada pela visão de mundo, pelas injunções da realidade social, histórica e cultural de seu falante”.



Volume 15, número 1, ano, 2019.

Assim, MH, usa como pessoas do discurso, *inha* (eu) *nenê*, *oi* (ele) e *cê* (você), percebemos que ela faz uso apenas da primeira e terceira pessoa do discurso. Ainda, é relevante pautar que o uso de dêiticos aparecem em pronomes demonstrativos como *essi* (esse) e *quele* (aquele). O interessante, que ela faz uso recorrente do artigo *o* (*O pai do céu*) ou *a* (*a inha*), antes de um pronome, percebe-se, que está relacionado de acordo com o gênero masculino ou feminino.

Quanto à necessidade do membro de dada comunidade manter a continuidade da interação, surge a sintaxe, e partir daí vão surgindo o nome das coisas que substitui os pronomes, e com a ação surge os verbos, as demais categorias surgem mais tarde na língua: adjetivos, advérbios, preposições e conjunções. MH com a necessidade de se interagir e manter uma comunicação com outro membro que está inserido no mesmo ambiente, cria palavras em um processo de redução ou até mesmo uma outra palavra de acordo com sua necessidade e capacidade humana.

Para designar ação, MH faz uso de alguns verbos, no diálogo ela acaba utilizando apenas dois, *tem* (ter) e *deitá* (dormir) outras ações acabam sendo designadas por meio de gestos. O que ela não consegue verbalizar utiliza o termo *ó*, acompanhado por algum gesto. E, no processo de nomeação, alguns substantivos são representados por *titi* (tio), *pai do céu* (Deus), *mãe do céu* (Nossa Senhora e/ou igreja) e *tiu* (cachorro).

No entanto, estão presentes no discurso outras classes de palavras, como: advérbio de lugar *qui* (aqui) e *lá*, e, é recorrente o uso do advérbio de negação *não*; conjunção *mar* (mais); expressões interjetivas, *mãe do céu* (quando esquece de algo). Não podendo deixar de mencionar que faz uso de vocativo, sempre que quer chamar algum membro, como o caso de *mãe* e *ou*.

Na interação de MH, consideramos que no contexto de uso de uma língua mista, ela consegue fazer referência ao que está a sua volta e se comunicar de forma satisfatória e compreensiva, dentro de suas possibilidades. Mesmo quando ocorre a quebra de algumas das regras interacionais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Volume 15, número 1, ano, 2019.

No que concerne aos objetivos de nossa pesquisa, partindo do conceito de língua, que é comunicação/interação, pela Ecolinguística, que é de onde emerge a Ecologia da Interação Comunicativa. Procedemos com a análise do processo interacional/comunicativo de MH, ouvinte que faz uma de uma língua mista (oralizada e gestual), e, nesse ínterim tivemos como primordial, investigar no fluxo interlocucional as regras interacionais e sistêmicas.

Segundo Petter (2011, p. 11) o fascínio que a linguagem exerce sobre o homem vem do poderio que permite não só de nomear/criar/transformar o universo real, mas também da possibilidade de trocar experiências, falar sobre o que existiu, poderá vir a existir, e até mesmo imaginar o que não precisa nem pode existir, e mais, fazer referência ao que está inserido em seu ambiente, tomar para si e estabelecer relações de interação com o outro, este processo que nomeamos de educação.

O processo educativo como base na língua, se dá na Ecologia da Interação Comunicativa, onde o indivíduo se comunica com os outros, com a necessidade de continuar o processo de interação e estabelecer uma comunicação contínua, daí surgem também os pronomes e as pessoas do discurso, para referir de si e aos outros; bem como os itens lexicais e a sintaxe, que existe para o entendimento e a eficácia da interação comunicativa.

Ao que tange a nossa pesquisa, as regras interacionais analisadas, por mais que algumas são infringidas, a interação/comunicação de MH é estabelecida com os demais membros que com ela convive, pois eles já tomaram conhecimento do léxico por ela utilizado, seja ele oralizado ou gestual. Assim, por mais que ela sofra qualquer sanção social, devido à quebra de uma ou outra regra, consegue manter o fluxo interlocucional. Com isso, podemos estabelecer que em outras situações de interação, não sendo de MH, também ocorra a mesma situação, inclusive no âmbito da educação formal.

Já as regras sistêmicas, por mais difícil que seja, até mesmo para outros membros da população, elas podem ser infringidas sem qualquer dano ou sanção social. MH, faz uso dessas regras, inclusive é perceptível, como mostrado na análise no tópico anterior, no âmbito da sintaxe, SVO, ela faz uso de forma coerente. No momento em que não tem uma palavra para designar a ação/atividade/objeto/pessoa, utiliza um sinal que tenha uma ligação de significado para o que quer expressar.



Volume 15, número 1, ano, 2019.

Por fim, proceder com este estudo acerca da teoria da Ecolinguística, foi fundamental para a compreensão da EIC, de acordo com o que é estabelecido no fluxo interlocucional e nas regras interacionais e sistêmicas, em função do uso de uma língua seja ela mista (oralizada e gestual) ou convencional. E, em nossos estudos não conseguimos encontrar outra pesquisa que tenha a mesma vertente. No entanto, registramos que outras observações podem e devem ser feitas, com vistas a contribuir com a área dos estudos Ecolinguísticos e com o processo de interação dos indivíduos, seja qual for a comunidade de língua/fala que ele pertença.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Davi Borges. Palavras iniciais sobre metodologia em ecolinguística. **Via litterae**. Anápolis-GO, v. 7, n. 1, p. 131-142, 2015.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins**: ATITO. Goiânia-GO: Ed. PUC Goiás, 2010.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. 4 ed. Campinas-SP: Pontes/Editora da Universidade de Campinas, 1995.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. 6ª edição. Petrópolis-RJ: Editora Vozes LTDA, 1975.

COUTO, Hildo Honório do. **A metodologia na linguística ecossistêmica**. 2017. Disponível em: <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2017/09/a-metodologia-na-linguistica.html>. Acesso: out. 2017.

COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; BORGES, Lorena Araújo de Oliveira. **Análise do discurso ecológica – ADE**. Campinas-SP: Pontes, 2015.

_____. A concordância e a função da linguagem: uma visão ecolinguística. **Confluência, Revista do Instituto de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro-RJ, n. 46, p. 45-77, 2014.

_____. **Ecolinguística**: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília-DF: Thesaurus, 2007.

COSERIU, Eugênio. **Princípios de semântica estrutural**. Madrid-Espanha: Gredos, 1977.



Volume 15, número 1, ano, 2019.

FIORIN, José Luiz. A linguagem humana: do mito à ciência. In: _____. **Linguística? Que é isso?** São Paulo-SP: Contexto, 2013, p. 13-43.

GARNER, Mark. **Language: An ecological view.** Oxford: Peter Lang, 2004.

HAUGEN, Einer. Ecologia da Linguagem. In: COUTO, Hildo Honório do. et al. (Org.). **O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguístico clássicos e contemporâneos.** Goiânia-GO: Editora UFG, 2016, p. 57-76.

MAURER JR, Theodoro Henrique. Linguística Histórica. **Alfa Revista de Linguística.** São José do Rio Preto-SP, v. 11, p. 19-42, 1967.

MUFWENE, Salikoko S. Ecologia da Língua: algumas perspectivas evolutivas. In: COUTO, Hildo Honório do. et al. (Org.). **O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguístico clássicos e contemporâneos.** Goiânia-GO: Editora UFG, 2016, p. 473-500.

PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano.** 2007. 521f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Araraquara-SP, 2007.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística.** Volume I. São Paulo-SP: Contexto, 2011, p. 11-24.

SAPIR, Edward. **A Linguagem.** São Paulo-SP: Perspectiva, 1980.

_____. **Linguística como ciência.** Rio de Janeiro-RJ: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** 30ª ed. São Paulo-SP: Cultrix, 2008.

WHORF, Benjamin Lee. **Language, Pensamiento y Realidad.** Barcelona-Espanha: Barral Editores, 1971.

WULF, Christoph. **Antropologia da Educação.** Campinas-SP: Editora Alínea, 2005.